

ALBERTO A. REIS

Em breve tudo será mistério e cinza



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Alberto A. Reis

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Victor Burton

Imagem de capa
<completar>

Preparação
Márcia Copola

Revisão
Isabel Jorge Cury
Carmen T. S. Costa

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reis, Alberto A.

Em breve tudo será mistério e cinza / Alberto A. Reis. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2312-4

1. Literatura brasileira 2. Romance histórico 1. Título.

13-07187

CDD 869.93081

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances históricos : Literatura brasileira 869.93081

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Livro primeiro: Por terras e por mares, 11

Livro segundo: Tempo de guerras, 173

Livro terceiro: Batalhas cívicas, 303

Livro quarto: Rebeliões, 399

Livro quinto: Passim, 479

Nota do autor, 563

LIVRO PRIMEIRO

Por terras e por mares

1. A partida

Quando o coche se moveu, Mme. Honorée sentiu um baque no estômago. Era início de outono. O frio e a bruma úmida da madrugada arrematavam a tristeza da despedida. Da janela do terceiro andar do prédio, em frente ao número 2 da Rue aux Fèves, Mme. Nicole, com o gordo ventre estufado dentro do vestido preto, envolta num xale em madras, agitava, com gestos miúdos, um lenço na ponta dos dedos. Seus olhos balançaram três furtivas piscadelas oblíquas antes que ela lançasse pelas janelas abaixo, num gritinho estridente e mal sufocado, um “Bon voyage, Mme. Dumont”, levando imediatamente o pano branco à boca, que se enrugou num quase choro no rosto afogueado. Da esquina da Rue de la Calande, Mme. Honorée curvou-se como pôde e, logrando passar o braço pela janela do veículo, lhe acenou com simpatia. Ao seu lado, François Dumont acomodou-se melhor no banco, esticou as pernas e espremeu seu irmão, Victor,

contra a portinhola do coche. Em seguida, apalpou as costas, sorriu candidamente para a esposa, ignorou o olhar angustiado do sogro e o mutismo da sogra, cerrando pausadamente as pálpebras. Mergulhado numa sonolenta escuridão, François Dumont passou a desenhar no fundo opaco da mente a imagem do sombrio escritório da sobreloja da oficina de joias, alinhavando os contornos dos primeiros e repetidos enredos da cena que lhe amargara a existência nos últimos oito meses.

Logo Paris já estava longe. Apagada. A viagem durou poucos e longos dias. Durante todo o trajeto, o sogro permaneceu emburrado e melancólico, enquanto a sogra sorvia a paisagem como se estivesse num outro mundo.

O cortejo que singrara solitário os campos do norte, cortando as brumas das madrugadas, chegou ao Havre-de-Grâce no meio de uma tarde de chuva fina. A região das imediações do porto estava apinhada de coches, seges, cabriolés, plaustros, caruagens, carroças, charretes, cavaleiros agitados que tentavam abrir caminho entre amontoados de caixas, baús e malas cobertos por grossas lonas. Numa esquina, o cortejo parisiense se desfez. François e Honorée espicharam simultaneamente os olhos em direção à carroça que os havia seguido e rumava agora, com as malas e baús pesados, para o armazém do porto. No dia seguinte, Mme. Honorée, François e Victor embarcariam no *Le Diamant*, uma gigantesca construção flutuante de madeira, ferro, cordames, mastros e velas equipada de estreitas acomodações abafadas.

— Meu genro, o nome desse navio é uma premonição. Espero que você volte logo, carregado de sucesso. Cuide de minha filha, é tudo que lhe peço. No Brasil, você terá toda a ajuda do Murat e, sobretudo, não se esqueça de visitar nossos amigos no Recife — Thierry esgoelou em direção à chalupa que transportava o trio para o *Le Diamant*.

— Pode contar comigo, meu sogro! Eu vou surpreendê-lo, o senhor verá! Vou cuidar com todo o carinho da nossa pequena Honorée. Nosso Victor vai nos ajudar nos negócios — berrou de volta François, referindo-se ao rapaz espinhento, de rosto assombrado por incipientes costeletas desordenadas, que se mantinha empertigado dentro de sua roupa de seda.

— Vocês estarão em melhor situação nas selvas do que eu aqui na civilização! — gemeu o velho Thierry.

No navio, o pequeno aposento destinado ao casal Dumont era guarnecido com uma minúscula mesa, um baú, catre, urinol e bacias. Victor, instalado no nível inferior, dividia, com outros passageiros de idades diversas, um compartimento desprovido de qualquer conforto.

Das amuradas do tombadilho, Honorée divisou seu pai e sua mãe, pequenininhos, na distância do porto. O velho acenou-lhe. François pousou a mão sobre seu ombro, em seguida a abraçou num gesto consolador que ela, se esquivando, retribuiu com um olhar endurecido pela violência de seus pensamentos: “Essa dor nas costas desse desgraçado! Como vou ficar se algo lhe ocorrer? Eu, nesse mundo perdido longe de tudo, como vou ficar? E papai e mamãe? Não sei se um dia vou ainda revê-los. Estou indo para um exílio sem ter cometido crime, degredada sem pena. E esse idiota, que vai para o matadouro sem esboçar reação alguma”.

Honorée subitamente se desgarrou de François. Saiu correndo para trancar-se na cabine, onde se jogou no catre, abafando no travesseiro o pranto que até então havia conseguido prender no peito. François seguiu-a afoito, tomado por um nervosismo que se lhe colara na alma desde que se deixara convencer pelo sogro a fazer aquela viagem insana. Victor, perdido no convés, não sabia se seguia o irmão e a cunhada ou se ficava acenando para os sogros do irmão.

A francesa permaneceu no pequeno cômodo, deixando a alma vagar entre o sono e o devaneio. Acomodado numa cadeira, François observava sua agitação. Ela transpirava febril e, às vezes, se encolhia como se seu corpo estivesse sendo atravessado por um vento frio.

Honorée sonhava-se no meio de uma paisagem enfumaçada. Viu-se deitada no interior de uma casa de madeira que flutuava no meio do La Garonne. Subitamente, ouviu um estalo de madeira rompida que a fez sobressaltar-se. O chão cedeu sob seus pés. Sua queda cessou quando repentinamente o abismo sem fundo se transformou num tubo negro que se virou pelo avesso. Dele nasceram braços, pernas e uma cabeça, transmutando-se na figura de um homem de contornos incertos mas no qual se podia distinguir uma corcunda.

O ser disforme veio em sua direção. Ela o repeliu com asco. Correu desesperadamente ao encontro do pai, que surgiu avermelhado, no fundo do corredor, tateando as paredes. Com horror, se deu conta de que seu velho estava cego. No lugar dos olhos havia duas manchas escuras que se assemelhavam a pedras de carvão ou a bolas de esterco. Desnorteadado, Thierry arremessava a bengala ao léu, até que logrou arremetê-la contra as costas do corcunda. A bengala de madeira se rompeu com um grande estalido. Desarmado, apenas com um toco de pau que lhe restara nas mãos, Thierry recuou, trôpego e patético. Nesse momento, seu corpo se espiralou e se transformou num tubo, e o tubo, num abismo no qual ela de novo se precipitou.

Honorée lutou a noite inteira dentro do pesadelo feito de imagens vivas e sem sentido. Ao acordar, no dia seguinte, estava em pandarecos. Mal reconheceu o recinto onde havia passado a noite. Sossegou quando pôde ver, na penumbra, a figura de François, que ressonava na pequena cadeira de cana-da-índia.

Na manhã de 30 de setembro do ano de 1825, já com a

claridade difundida na bruma, ninguém conseguia mais avistar a costa. O monstro navegava, ganhando uma linha contínua e monótona acompanhada de um som rascante causado pela vibração dos cabos e velames e do gemido cadenciado da madeira. Os passageiros vomitaram por algum tempo, até que se acostumaram com o balanceio do chão. Ainda no terceiro dia, François e Honorée foram surpreendidos por uma voz carregada de sotaque da Europa Central quando contemplavam duas crianças que corriam pelo tombadilho.

— Travessas! Mas boas crianças! A viagem é a maior aventura de suas vidas. Da nossa também.

Os franceses sobressaltaram-se. Viram atrás de si um casal sorridente. O homem tinha suíças ruivas emoldurando os olhos, que pareciam flutuar no meio de duas profundas olheiras. Havia algo de cativante no contraste existente entre seu físico delicado, o ar enfermigo de sua silhueta e a vivacidade de seu espírito.

— Desculpe-me a intromissão. Sou o professor Jaräzeski, Joseph. Esta é a sra. Jaräzeski, Helena, minha esposa — disse o homem das suíças ruivas, indicando a jovem mulher enganchada em seu braço. — As crianças que vocês estão olhando são Nicolas e Teresa, nossos filhos. Estamos indo para o Brasil. Vocês estão indo para Portugal, não é verdade?

— Muito prazer! Eu sou o sr. Dumont, François, e esta é minha esposa, a sra. Honorée Dumont — o francês se apresentou, sem responder à pergunta.

Enquanto François fazia um meneio de cabeça de certa formalidade, a sra. Helena Jaräzeski tomou a dianteira, abraçando Honorée Dumont com uma intimidade que não seria embaraçante se fossem velhas amigas. A polonesa, em seguida, estendeu a mão a François, exibindo um largo sorriso. Desarmado, François retomou a conversa:

— Nós também vamos para o Brasil. Meu irmão caçula

viaja conosco. O pobre estava assustado no início, mas agora se enturmou com gente de sua idade. Achávamos que seríamos os únicos seres civilizados ou loucos a fazer esta viagem — respondeu, esforçando-se para disfarçar o embaraço que o nome impronunciável do casal e a extraordinária beleza da sra. Jaräzeski lhe causavam.

Helena Jaräzeski tinha um rosto delicado, cabelos negros amarrados em tranças ao redor de uma cabeça bem formada que realçavam a transparência de dois olhos profundamente verdes, um corpo esguio e um sorriso aberto.

Em pouco tempo, na estreiteza desconfortável do barco, em meio à multidão diversificada de pessoas, as duas famílias passaram a formar um mundo à parte. Honorée se encantava com as duas crianças, vendo-as brincar desassossegadas em relação ao futuro que se descortinava misterioso diante delas. Teresa, com seus seis anos, e o pequeno Nicolas, com os ainda indecisos cinco anos, haviam herdado a beleza da mãe.

Os dois casais passavam as monótonas horas da viagem em intermináveis conversas a três, já que Mme. Jaräzeski ignorava todo idioma que não fosse o cassúbio ou o alemão. Helena acompanhava as conversas sorrindo com seus dentes claros e alinhados, fingindo compreender o que se dizia. Mas, na verdade, isso pouco a incomodava: a conversa que não entendia a entretinha. No início, o professor Joseph ainda traduzia para ela o que se conversava, mas com o tempo abandonou o esforço, passando a fingir que a esposa compreendia o que se falava.

— Meu sogro possui um florescente negócio de joias em Paris e em Bordeaux, sr. Jaräzeski. As demandas por esses objetos de puro luxo têm aumentado consideravelmente, sobretudo com as transformações que vêm ocorrendo na França nos últimos dez anos. O país vem se recuperando rapidamente das tragédias que o afetaram.

— Sem dúvida. E o meu país talvez tenha sido um dos que mais sofreram...

— Com a independência do Brasil do domínio português, meu sogro acredita que poderemos abrir grandes canais de comércio, com a condição de que estejamos fisicamente presentes no momento das transformações econômicas que por certo virão. Estou viajando como enviado comercial da Gerbe D'Or. E o senhor?

Sem ouvir a pergunta do francês, Joseph chamou a esposa acenando-lhe com apressados movimentos dos braços e das mãos. Quando Helena se aproximou, ele começou a lhe falar em cassúbio, cadenciando as palavras com gestos cheios de entusiasmo e excitação.

— Desculpem-me, mas a coincidência das coisas é tão grande que não pude me conter. Meu sogro também é um importante comerciante e fabricante de joias na Polônia! — exclamou o professor, voltando-se para os Dumont.

François retraiu-se, desconfiado. Com cuidado na voz, indagou:

— E vocês estão indo para o Brasil pelo mesmo motivo que nós?

— Não, meu caro François, meus motivos são outros, muito embora na origem estejam associados ao seu. Acabei de licenciar-me do posto de assistente de botânica na Universidade Jaguelônica. Não pude resistir à tentação de aceitar o convite feito pelo próprio imperador d. Pedro I para fazer o levantamento das espécies florais da região central do Brasil.

— Mas você disse que na origem esteve associado ao comércio de pedras preciosas e ourivesaria, se bem o compreendi!

— Não! De fato, não. Foram minhas pesquisas sobre fósseis vegetais que me levaram à região da Pomerânia. Lá, naturalmente, conheci o maior comerciante de âmbar de Danzig, meu

futuro sogro. Foram as joias que me fizeram conhecer Helena! — disse, sorrindo, Joseph, enquanto beijava delicadamente a mão da esposa, que saltitava ao seu lado.

François interrogou-o sobre o solo, a flora e a fauna brasileira. Por fim, ficou decepcionado ao compreender que o polaco não sabia grande coisa daquele país. Ambos iam ao encontro de terras e de gentes que ignoravam por completo.

Os dias na embarcação se sucediam com os dois casais tão diferentes se identificando nas histórias e nas angústias da aventura, até que, no fim de uma manhã de sol, as pessoas começaram a se agitar dentro da nau. Davam-se ordens, desciam-se e subiam-se as velas, mudavam-se as flâmulas.

Avistaram-se terras portuguesas que logo se abriram em dois grandes braços, deixando entrever a cidade do Porto. O barco deslizou pelo Douro adentro, descobrindo à esquerda uma cidade triste que descia escura pelas encostas de um morro. Na margem oposta, estendia-se uma planície lamacenta amontoada de armazéns, tonéis de vinho e de azeite. O *Le Diamant* foi reabastecido. Recebeu mais um lote de passageiros. Os antigos viajantes puderam pisar novamente em terra firme, movimentaram as pernas, por algumas horas, em caminhadas pelas vielas de Vila Nova de Gaia, mas a maioria logo pediu para subir a bordo; seus corpos haviam assimilado o balanço do mar, de forma que, quando puseram os pés em terra, era a terra que mexia, ondulava mole, causando-lhes desconforto e enjoo.

No dia 9 de outubro, o navio parou diante do porto de Lisboa. Não tardou para que uma falua se aproximasse trazendo autoridades alfandegárias e soldados. O chefe deles, um tal de sr. Antônio Inácio Manique Netto, foi o primeiro a subir a bordo. Sem perder tempo nem o atrevimento, o chefe alfandegário achou o coitado do almirante francês como pôde e bem entendeu. Por fim, o português ainda passou a mão na garrafa do Pineau

des Charentes, do qual, poucos minutos antes, havia desdenhado um cálice. Despediu-se do almirante apalpando um grosso molho de bilhetes de libras que enfiara na casaca. Quando o sr. Manique Netto já descia para sua falua, o almirante abriu os braços, flexionou ligeiramente o corpo para a frente e exibiu um grande sorriso, ao mesmo tempo em que repetia baixinho, entre os dentes:

— Vai, filho da puta, ca-na-lha — rosnava, separando lentamente as sílabas e meneando o corpo para a frente. — Vai, vai, vai, filho da puta, vai gastar meu dinheiro. Espero que o faça com médicos, drogas e funerais!

No Tejo, o navio recebeu nova leva de passageiros, e os modos e as falas que se ouviam no tombadilho mudaram ainda mais. Entre eles havia um jovem casal com dois filhos, em tudo parecido com os Jaräzeski, não fossem a pele morena e os olhos escuros. Ele tinha um nome longo que soava pomposo: Gil Brandão Pires Nunes Carvalho. A mulher chamava-se Inês. Os pequenos Nunes Carvalho logo se uniram às duas crianças polonesas.

Os Jaräzeski, os Dumont, os Nunes Carvalho despediram-se para sempre da Europa quando o navio apontou a proa para o grande oceano.

2. A tormenta

Quando a nau, arrastada por um vento fraco, se distanciou de Portugal, Helena chamou os filhos à parte. Parecia ralhar-lhes em sua língua, como se os dois tivessem cometido sérias travessuras. As crianças se recolheram a um canto e, daquele dia em

diante, nunca mais brincaram com os pequenos Nunes Carvalho. Em poucas semanas, com as terras desaparecidas do horizonte, um grande calor envolveu a embarcação, sufocando seus passageiros, que mal respiravam dentro dos pequenos aposentos. Quase todos se queixavam de uma opressão surda na cabeça e câibras no estômago. Tudo piorou quando as águas começaram a se encrespar. Em pouco tempo, sob um céu carregado, o barco passou a ser jogado violentamente de um lado para outro.

A maioria dos embarcados exibia olheiras que pareciam comer-lhes os olhos. Quase todos punham os bofes para fora, se emporcalhando de vômito, dispostos a trocar um braço ou uma perna por um instante em terra firme. O médico a bordo, o dr. Bizet, não cessava de receitar o mesmo remédio: laranjas cortadas ao meio que eram esfregadas na ferrugem da âncora, das correntes e dos ferros.

O tempo piorou ainda mais. O almirante tomou firmes providências, ordenou que se ferrassem as velas e se esvaziasse o convés. O mestre calafate dava voltas no navio, martelando as madeiras à procura de vazamentos. Finalmente, uma tempestade despencou dos céus, enchendo o convés de pedras de gelo do tamanho de ovos de pomba.

O navio pareceu ter perdido o controle. As águas subiam em estrondos pelas vigias do castelo de proa, inundando os porões. As vigias se quebravam. Por todos os cantos do navio ouviam-se imprecações guturais, ais e uis, sons indistintos. O suplício do mar não cedeu, e não poucos começaram a temer um naufrágio. O professor Joseph adoeceu mais do que os outros. Vomitava um líquido verde, viscoso. Em dois dias, seus pés incharam. Não conseguia pisar nem se sustentar. Todo o ânimo do corpo se esvaía por orifícios que não existiam. Sentia um cansaço que, de tão intenso, o acalmava. A urina parecia-se com a água brava do oceano que espumava violentamente contra as amuradas do

barco. No quinto dia, o inchaço dos pés subiu para as pernas, alcançando os quadris e a barriga, formando grandes calombos flácidos no seu corpo. O frágil professor virou um gigante inflado, disforme e inerte cujos olhos afundavam no rosto subitamente arredondado. Seu pulso submergia.

François permaneceu junto ao amigo. Enxugava-lhe a testa, dizia-lhe coisas que não eram ouvidas. Honorée tentava consolar a angústia de Helena Jaräßeski, que, desesperada, agarrava-se às duas crianças, que não sabiam se se amedrontavam mais com a revolta do mar, com a condição do pai ou com a aflição da mãe. O polaco, à medida que seu corpo inchava, sentia seu ser se esvaziar. Às vezes se debatia, assustado.

O mundo pesado das águas engolia o navio em estrondos violentos. Com o olhar desvairado, não sabendo em quem nem a que se agarrar, o polaco segurava a camisa de François, repetindo, na sua semiconsciência, algumas poucas palavras incompreensíveis:

— *Jestem chory, jestem chory.**

Helena, amordaçada pelos seus duros idiomas, torcia a faixa do vestido que lhe cingia a cintura. Olhava desesperada ora para François ora para Honorée, que a abraçava sem saber como sossegá-la. Procurava por palavras que não lhe existiam e as substituía por gestos semicompreensíveis.

François, constatando que o estado de saúde do amigo piorava rapidamente, tomou Victor pelo braço e foi pedir ajuda ao almirante.

— Sr. Dumont, nada posso fazer. Todo o barco está vomitando e só tenho um médico à disposição. Até meus marujos estão pondo os bofes para fora! Além do mais, sr. Dumont — berava-lhe no ouvido o almirante —, em breve ninguém precisará de médico, mas de um milagre para salvar o barco!

* “Estou doente, estou doente”, em polonês.

— Mas, senhor almirante, o professor não está sofrendo com o mar, ele está morrendo, ele vai morrer se ninguém fizer nada por ele. Ele é um convidado do imperador brasileiro. Será sua responsabilidade se algo de pior lhe acontecer.

Furioso, o almirante voltou-se para seu imediato, um jovem bretão cuja beleza o desmazelo causado pela tempestade não conseguia esconder:

— De Brissac, ajude o sr. Dumont a encontrar aquela porcaria do dr. Bizet. Veja se o inútil está em condições de fazer seu ofício.

Sem nem mesmo se cobrir adequadamente, o jovem oficial saiu da cabine de comando acompanhado por François e Victor, que mal conseguiam se equilibrar em pé.

O velho médico, cansado e bêbado, recusou-se a sair de seu aposento. Temia que, no tombadilho, uma das enormes línguas de água o levasse para o fundo do mar. François então o agarrou pelo colete.

— Se o senhor não sair imediatamente e não for ver o professor, eu mesmo, neste exato momento, o jogarei amurada afora!

Victor também gritou, com sua voz indecisa, algo assemelhado. O oficial De Brissac, sem pronunciar nenhum som, jogou sobre os ombros do dr. Bizet um grosso casaco marrom-acinzentado, que dançava dependurado num prego, e o empurrou vigorosamente porta afora em direção ao temporal que castigava o navio.

Ao ver o médico entrar ladeado pelos três homens, a sra. Jaräzeski pressentiu nele a salvação de seu marido. A polaca lhe implorou com os olhos que o curasse. O dr. Bizet examinou os pés, as pernas, as virilhas, as axilas, os braços do professor. Aperitou-lhe o ventre. Depois vestiu de novo o casaco, estufou a pança e, com os dois polegares enfiados nos bolsos do colete de seda

florida emporcaldado de manchas de vinho e gordura, assumiu uma pose importante.

— O professor não está sofrendo de *mal de mer*.* A tormenta só contribui para agravar o seu estado. Ele foi atacado por ratos ou baratas ou até mesmo por piolhos de corpo, que infelizmente infestam a nau. Com o balanço do navio, essas pragas se assanham. Mas a tormenta deve cessar em dois dias. Depois disso, ele se sentirá mais confortável — disse-lhes com segurança.

— Mas o que podemos fazer até lá? — François indagou num tom mais calmo.

— Até lá, lavem o professor, deem-lhe banhos de salmoura. Administrem-lhe tártaro e ruibarbo. Se este inferno que está se abatendo sobre todos cessar e o barco não soçobrar, ele irá se recuperar. Há casos assim o tempo todo, creiam em mim.

O dr. Bizet, sentindo o efeito de suas palavras, aproveitou a calma das aflições para agarrar o braço do oficial e voltar correndo para a cabine, onde poderia, sem mais amolações, enxugar sua garrafa de rum. Honorée abriu um sorriso para Helena. A sra. Jaräzeski acariciou os filhos.

Mais tarde, o oficial De Brissac levou pessoalmente para Helena Jaräzeski os ingredientes recomendados pelo médico. Fez, ainda, com que se lhe chegasse um balde de salmoura. François se pôs a limpar as pernas, os braços e o tronco do polonês. Com seus olhos de joalheiro, acostumados a identificar jaças em pedras aparentemente perfeitas, procurou, em vão, na pele lisa e muito branca de Joseph, sinais de ferimentos, de picadas ou de mordidas.

No universo do barco, fechado e pequeno, os Nunes Carvalho mantiveram-se distantes dos Jaräzeski. Desconfiavam, igualmente, dos Dumont, que reservavam aos polacos uma estreita

* “Enjoo do mar”, em francês.

amizade, embora se mostrassem gratos a Honorée, que manifestava, sempre que tinha oportunidade, uma delicada e real afeição para com seus filhos. Ao tomar conhecimento da doença do polaco, Inês Carvalho, movendo-se por cima do ressentimento, seguindo o que lhe ditava outra razão, foi até o pequeno cômodo dos Jaräzeski portando um embrulho de seda azul.

Chegou encharcada, com os cabelos escorridos pelos ombros, o que lhe deixava as orelhas à mostra. A roupa molhada, pregada ao corpo, revelava os contornos do ventre e das longas pernas. Inês voltou os olhos aciganados para Joseph, que lhe estendeu os seus, repetindo num tom de súplica e estranha intimidade:

— *Jestem chory!*

A portuguesa sentou-se ao lado de Joseph. Com mãos e gestos rápidos, começou a abrir o embrulho de seda quando, do fundo do desespero que a prostrava, Helena, aspirando um resto de forças, levantou-se. Com seus olhos verdes subitamente transformados em duas bocas de fogo de alma lisa, a pôs para fora aos empurrões. Honorée, assombrada pela violência da amiga, imaginando que o desespero lhe tivesse abolido a razão, reteve-a com um abraço envolvente. Helena, sucumbida, despencou-se aos prantos em seu colo.

A tempestade ainda rugiu ameaçadoramente por alguns dias. Sem que a intempérie tivesse cessado, os marinheiros deram vivas quando viram surgir um grupo de golfinhos que saltava sobre o mar encarapelado, anunciando o fim do mau tempo.

A tormenta cessou, tal como previra o dr. Bizet. Feito o balanço dos estragos, marujos, taifeiros, ferreiros e carpinteiros passaram, sem demora, a reparar os danos. Estavam ocupados demais em consertar a nau, de sorte que o enterro no mar veio a ser rapidamente um assunto encerrado entre eles.

O professor Joseph Jaräzeski havia falecido. Para os passa-

geiros, a morte do polaco se transformou num mau presságio. Para o dr. Bizet, fora uma fatalidade. A Honorée, a insanidade da viagem pareceu ainda mais evidente, mas a essa altura ela já não tinha tempo nem disposição para odiar seus mentores. Dedicou seu tempo a proteger a viúva jovem, excessivamente bela, afastando os homens que se aproximavam, de súbito condoídos pela sua desgraça.

“Meu Deus, a esperança se ganha e se perde muito fácil! Onde li isso?”, se perguntava Honorée.

O almirante deu mostra de sensibilidade pondo o oficial Jean-Loup de Brissac à disposição da viúva. Foi com toda a boa vontade do mundo que o belo marujo passou a executar as novas ordens que lhe foram designadas. Em retribuição, Helena apenas lhe lançava, a cada cuidado prestado, um olhar desolado e frio com seus imensos olhos verdes.

A pequena Teresa devotou ao jovem marujo uma antipatia imediata. Nicolas, ao contrário, se afeiçoou ao francês. O oficial lhe contava histórias do mar, dos pescadores da Bretanha, dos perigos das caravelas e sargaços. Passava momentos recordando junto ao menino as aventuras de sua própria infância num diminuto vilarejo bretão chamado Kerodren.

— E isso aí? — perguntou-lhe Nicolas um dia, apontando para uma grande cicatriz em forma de V invertido que subia do lóbulo da orelha esquerda ao alto da sobrancelha e descia até a base superior do nariz. A cicatriz, em vez de deformar sua bela fisionomia, lhe emprestava um ar de severidade que estruturava seus traços finos e suaves.

— Foi um cabo que se rompeu e me atingiu, jogando-me fora de uma baleeira.

Jean-Loup, como Nicolas passou a chamá-lo, contava longas histórias sobre caça à baleia, misturando pouca verdade com muitas fantasias, que o menino escutava, fascinado. O oficial ia

assim divertindo a criança, fazendo-a se afastar da lembrança doída da morte do pai, preenchendo-lhe o vazio da alma.

— Sabe, Jean-Loup, meu pai também caçava animais.

— É mesmo?

— É. Ele caçava animais nas florestas. Caçava grandes ursos do tamanho de baleias. Não! Na verdade, os ursos eram maiores do que baleias.

O oficial fingia-se surpreso. Deixava o menino inventar suas próprias histórias, nas quais o pobre Joseph aparecia enorme, brilhante e vencedor.

A travessia seguiu seu rumo, com os Dumont e a sra. Järzeski levando consigo a alma despejada da alegria inicial.

A bonança que havia sucedido à tormenta deu lugar a uma canícula insuportável, que invadiu todos os recantos do barco.

3. O fantasma

O mar havia se tornado estranhamente calmo, possibilitando que o navio, empurrado por um vento constante, cortasse veloz as águas. O calor aumentava à medida que a nau vencia o mar. Dormir à noite passara a ser quase impossível, de modo que François foi adquirindo o hábito de levantar-se para se refrescar na brisa noturna na companhia de outros homens que, metidos em camisolões, vagavam pelo tombadilho.

Era uma população melancólica, que se volvia para reminiscências quando o mar abolia seus horizontes. Nelas, terras, parentes, vizinhos, a tosquia de um carneiro, uma porta de casebre, saíam das trevas para formar incertas figuras nas nesgas da memória daquele povo que bamboleava no mar sem fim. Cá e

lá se viam uns e outros, ensimesmados, acostados num canto, pesando a ignorância de seus destinos.

O povo do convés adormecia no chão sujo, acordando quando a barra do dia ameaçava a escuridão da noite e a marujada, com firmes pontapés, o tocava de volta para seus cômodos. Nessas noites, François sentiu que não evoluía mais no mesmo mundo. Isso foi acontecendo aos poucos. Comentou com Victor as sensações que vinha experimentando, mas o rapaz nem sequer o escutou. Alguns homens com quem trocou ideias concordaram que havia algo diferente, perceptível quando a luz do sol se retraía. Um deles contou que tinha ouvido a alma do polonês bater na madeira do tombadilho, querendo assinalar sua presença. Por isso, uns três portugueses não dormiram mais ao relento. Preferiam ficar trancados no abafado de seus cômodos a se expor à alma errante do professor Joseph. Pediam a Deus que lhe desse abrigo e que ela os deixasse em paz.

Na quinta ou sexta noite, François, maltratado pelo calor, dirigiu-se mais uma vez ao tombadilho para se juntar à multidão de sonâmbulos. Estava angustiado pela insistência da sensação perturbadora que lhe parecia tão próxima.

Parte dos passageiros do convés foi contaminada pelo medo de perceber a presença do polaco entre os vivos. Seus sinais eram visíveis à noite. Sua alma acompanhava o barco, e passou a se mostrar numa figura enorme e rastejante. Parecia querer agarrar-se à bela esposa e aos filhos, sob a forma manifesta de um manto de luz que seguia o rastro da nau. À noite, o mar fosforescia. O navio parecia navegar num tapete de fogo. Cada vez que o casco subia e batia nas águas pelo impulso das ondas, tudo se cercava de claridade. As águas se iluminavam com milhares de pequenos olhos incandescentes. Victor começou a ficar assustado e se aproximou de François.

Com o luar crescente, a luminosidade desapareceu. À noi-

te, François continuava a olhar o mar em busca de espumas que supunha existirem. Viu vagamente o brilho das lanternas na água empretejada. Secretamente procurou pelo fantasma de Joseph. Queria conversar com o polaco, pedir-lhe que tirasse Helena da tristeza amarga em que se havia precipitado. Mas o fantasma de Joseph não mais lhe apareceu. A alma do polaco, que os portugueses tanto temiam, era apenas uma infinidade de algas que, com o batido do casco da nau e o remexido das águas, se incandescia e fosforescia como milhares de minúsculas lamparinas, em noites de lua magra.

François, cansado, deitou-se no chão do tombadilho. Ficou olhando para as estrelas e a lua, que apareciam entre as nuvens ralas. Mas a sensação foi se tornando mais forte, mais insistente. Sabia que havia ali uma presença. Quis afastar a ideia. Sentiu um arrepio seguido de um ligeiro medo. De repente, percebeu que positivamente alguma coisa estava diferente, que algo no mundo tinha mudado.

“Como pude não ver antes aquilo que de fato estava vendo o tempo todo?”, perguntou-se. “Há pelo menos quatro ou cinco dias que estou vendo com os olhos algo que minha mente se recusa a enxergar!”

Compreendeu que estava debaixo de um céu que não era o mesmo. Estava debaixo de outro firmamento, de outras estrelas, de outras constelações. Apenas a lua e o sol permaneciam iguais. Por isso, a sensação só o acompanhava quando o dia escurecia. A presença lhe vinha quando a luz se retirava e, então, sobre sua cabeça os deuses aspergiam o céu com outras estrelas. Não estava mais no hemisfério Norte: havia entrado na parte sul da esfera terrestre. Logo, as estrelas do norte iriam ficar para trás, mergulhadas na sombra invisível do globo. Ele estava margeando as beiras do outro mundo.

François deitou-se encantado debaixo do novo céu. “O fir-

mamento do sul é mais pobre do que o céu do norte. Talvez tenha menos estrelas, talvez seja mais sujo, mais desorganizado”, pensava ele, enquanto permanecia estendido no tombadilho, estabelecendo contato com as novas companheiras noturnas.

O francês pôde ver três estrelas alinhadas e, um pouco mais ao sul, umas quatro outras que desenhavam um losango. Aquilatou o brilho de cada uma delas, como se fossem diamantes no céu. Quando se cansou de olhar o firmamento, levantou-se e, vagorosamente, dirigiu-se a uma roda de pessoas entre as quais se encontrava Victor:

— Agora eu sei o que mudou. Olhem para cima.

Os homens e os rapazes olharam-no ressabiados. Aproximaram seus corpos uns dos outros, defendendo-se em grupo do espectro de Joseph.

— O céu mudou! As estrelas são outras! Estamos atravessando o equador!

Quando o dia amanheceu, o almirante, seguindo o costume do mar de celebrar a passagem para o outro mundo, permitiu que a marujada ficasse de folga e fizesse um pouco de festa. Quem havia fugido do fantasma do polonês esperou o cair da noite para admirar valentemente o novo céu. O oficial Jean-Loup, que se encontrava junto aos filhos de Helena, querendo distraí-los, apontou para o losango de estrelas que brilhavam à frente da embarcação e lhes cochichou como se contasse um segredo:

— Aquelas quatro estrelas com uma pequenininha, intrometida, no meio é a constelação do Cruzeiro do Sul. Vejam como elas formam uma espécie de cruz e seu braço mais comprido indica o ponto geográfico do sul, ela nos dá a direção do Brasil.

A pequena Teresa virou-lhe ostensivamente as costas, fazendo de conta que não se interessava pela explicação, e mirou o norte.

— Estrela intrometida é você — a menina murmurou entre os dentes.